

Notas sobre poesia sul-mato-grossense: Aleia Sangue, de Paulo Henrique Pressotto

Andre Rezende Benatti *

Doutor em Letras Neolatinas: estudos literários hispânicos, na Universidade Federal do Rio de Janeiro; Bolsista Capes; Mestre em Letras: estudos literários, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2013) e graduado em Letras, habilitação em Português/Espanhol, pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2009). Atualmente é professor convocado da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Editor-chefe da REVELL - Revista de Estudos Literários da UEMS. É membro da Associação Brasileira de Hispanistas - ABH.

 <https://orcid.org/0000-0001-8909-8347>

Recebido em 18 ago. 2019. Aprovado em: 05 mar. 2020.

Como citar esta resenha:

BENATTI, Andre Rezende. Notas sobre poesia sul-mato-grossense: aleia sangue, de Paulo Henrique Pressotto. **Revista Letras Raras**, [S.l.], v. 9, n. 1, mar. 2020. p. 208-213. ISSN 2317-2347, UFCG: Campina Grande, 2020.

PRESSOTO, Paulo Henrique. Aleia Sangue. 1ª ed. Dourados: Arrebol Coletivo, 2017.

Invenção, do latim *inventum*, em meio a uma sociedade humana, o termo diz respeito a toda coisa inventada pela mão do homem. No entanto, a invenção, este processo feito pela mão do inventor, pode incluir modificações ou inovações que, após aperfeiçoada, resulta em algo inédito. Se a criação for algo inédito que surge por meio do esforço e da imaginação da pessoa, sem que haja antecessores para o invento, então este torna-se um “grande feito”, para o conhecimento do homem. Este lugar do inédito pode ser também o lugar da (re)invenção, esta invenção “melhorada” do que já existia antes. Mas neste caso, o que acontece? Como se reinventa algo já inventado?

Criar algo já criado, recriar algo criado.

O recriar é a força motriz da literatura, é o que move, o que inova, o que dá vida a cada nova obra, que recria algo velho criando algo novo. A literatura não existe no vazio, ela só existe no cheio, no abundante. E o que não falta na literatura de Paulo Henrique Pressotto é

*
 andre_benatti29@hotmail.com

abundância, de estilo, de palavras precisas, de significados, de imagens. Alfredo Bosi, em *O ser e o tempo da poesia* (2000) afirma que, a imagem é anterior a qualquer palavra, ela está antes de tudo e as palavras são seus caules.

A experiência da imagem, anterior à da palavra, vem enraizar-se no corpo. A imagem é afim à sensação visual. O ser vivo tem, a partir do olho, as formas do sol, do mar, do céu. O perfil, a dimensão, a cor. A imagem é um modo de presença que tende a suprir o contato direto e a manter, juntas, a realidade do objeto em si e a sua experiência em nós. (BOSI, 2000, p. 19)

Expandindo a metáfora visual podemos pensar e relacionar a poesia, esta forma elevada de voz, com as flores e frutos que crescem desta raiz primeira da imagem, ou das imagens, assim como das questões que envolvem o cotidiano urbano que se configuram, também como parte da paisagem percebida por Pressotto, comopodemos perceber no trecho do poema abaixo intitulado Abandono.

Abandono

No sinaleiro
pede o dinheiro
no desespero
pede a calma
na doença
pede a cura
no deserto
pede a chuva
na emoção
pede a razão
no ódio
pede o amor
no mar

pede a orla
na morte
pede a vida
No abandono
permanece no meio
cerceado triturado
entre a lua e o peito
Nesse âmago
do real e do mágico
há vivência elástica
de carne e alma
de pertença e ausência
nos labirintos dos desejos
nas construções dos espelhos

Podemos perceber que, ao trazer o cotidiano urbano para o texto poético o autor cria imagens que não se dispersam da retina do leitor, conseguindo atingir, ainda com tons líricos, uma linguagem de fácil e ágil compreensão, o que permite que o leitor, por mais jovem e iniciante que seja, consiga ter referenciais para construir a compreensão do poema.

Na coletânea de poemas intitulada *Aleia Sangue*, publicada pelo Arrebol Coletivo, Pressotto consegue unir com grande acerto dois tipos de imagens, a tirada pela câmera fotográfica, aquela que Cortázar (1993, p. 151) comparou ao conto, um recorte temporal de uma história a qual não sabemos início ou fim, e imagem poética, baseada em um mundo completamente visual, recolhida pela memória e preenchida pela imaginação e uma boa dose de percepção estética, linguística e crítica.

Os quarenta poemas que compõe a coletânea produzem as mais diversas imagens, todos acompanhados e por uma fotografia que, de alguma forma, completa seu próprio sentido. Curiosa e cuidadosamente todas fotografias, também de autoria do próprio poeta, dispostas na coletânea são criadas em tons de preto e branco, no entanto, todas as imagens que são criadas pelos poemas trazem em seu âmago as cores necessárias não só para a poética como também para as fotografias. Poesia e fotografia se complementam na obra.



(PRESSOTO, 2017, p. 26)

Olho

As horas não cessam a tortura
os monstros brandos
invadem o silêncio
Mesmo nesse lindo dia de sol
os gritos enrugam o azul
nas ruas claras
nas casas comportadas
pois nos espaços
há máquinas de furos de violência

há cortes de traumas na alma
O azul límpido do manto
tem mancha de sangue na borda
tem sua leveza esvoaçante travada
Mas quando o humano sente
o pulsar do líquido cru
desperta a reflexão pelo ausente
e daí começa o olho
(PRESSOTO, 2017, p. 27)

De leitura fluente e agradável, os poemas de Paulo Henrique Pressotto seguem o que pode ser percebido enquanto um estilo do poeta que, desde seu primeiro livro publicado, *Som em Sol* (2002), já limita o uso das pontuações, que em *Aleia Sangue* são completamente eliminada. Para além deste contraste, podemos perceber ainda que em *Som em sol*, o autor dá mais vazão luminosidade e a natureza como criadora e geradora da essência humana em diálogo com o mundo caótico criado pelo humano, já em *Aleia de Sangue* (2017), o privilégio é das imagens essenciais do humano em contato total com a natureza, criada por ele ou não, nos textos podemos perceber uma continuidade na poética do autor.

Paulo Henrique Pressotto é autor, além de *Aleia de Sangue* (2017), de outros oito livros, sendo eles *Som em sol* (2002), *Sal da cor* (2003), *Vertentes e veredas* (2004), *Por trás da janela* (2006), *Tintas Partidas* (2007), *Frestas no lívido* (2009), *Fragmentos* (2016) e *Meandros de Rostos* (2018). Por sua escolha de palavras, o ritmo dos poemas é mantido e marcado e o leitor, atento, percebe facilmente o uso dos enjambements e/ou finalizações de sentenças. O uso de versos livres aliados a uma poética prosaica e à escola de palavras torna a leitura dos poemas extremamente palmável, fugindo de uma escrita completamente hermética e incompreensível. A simplicidade na escolha de palavras, que segue a Literatura de Pressotto segue ao longo de sua obra, que marca o que podemos chamar de estilo do autor.

Vento

O vento amanheceu com o dia
Assovios rasgados
são desarmonias nas aberturas
de estruturas rígidas
O vento diz que precisa fluir
e que vai conseguir
e grita
sem que ninguém o impeça
abafe sua voz bravia
Se não compreendem o que pretende
o vento derruba o fixo
esfarela falácias
em seu simulacro profano
de reluzente cavalo
(PRESSOTO, 2017, p. 37)

A delicadeza da percepção do poeta, que mescla motivos citadinos às paisagens naturais, capta o desenvolvimento humano e suas relações consigo mesmo e com a própria poesia, para além, da percepção do espaço em que está inserido, que não figura de maneira simplória no texto, mas que se mescla com a ideia central de cada texto, de sua percepção humana

Neste seu nono livro, Paulo Henrique Pressotto dá um novo fôlego, necessário, à poesia sul-mato-grossense, buscando nos meandros da cidade o entremeio natural, contudo Pressotto nunca esquece as raízes humanas. A poeta e artista Josefina Plá, na introdução de um de seus livros de contos afirma que as personagens que cria são universais por terem uma raiz humana, embora tenham “nascido” no Paraguai, “Estoy convencida de que todos ellos, aunque rebotes de vivencias localres, son universales em su humana raíz. Cambiando nombres, paisajes y tal cual circunstancia, pueden darse, se dan, em cualquier outra parte del mundo. (PLÁ, 2014, p. 185) e é exatamente o que acontece com a poesia criada por Pressotto.

Enredo

A cortina se move
eclode ilusões
Uma brisa toca a pele
reflexões sob o azul
Ao longe pássaros
cigarras e folhas
transbordam tintas
Fios de sol e borbulhas
definem riachos
acendem trevos
esboços de faróis
Águas pedras e desvios
ventos montanhas e nuvens
são os passos em caracóis
Na luz no avesso
dos sons e silêncios
surgem tropeços
desse nada-espelho
O dia amanhecido segue
em pedaços sonhados costurados
e triturados de enredos
PRESSOTO, 2017, p. 65)

As criações do poeta estão extremamente ligadas ao sentimento de um eu-lírico em relação ao que o cerca, mas nem por isso é marcadamente ligada a um lugar e sim ao próprio ser humano, ou seja, é uma poesia que, mesmo sendo seja sul-mato-grossense, tem nuances universais.

Ao ler a poesia de Paulo Henrique Pressoto não temos como deixar de lembrar na assertiva de Octavio Paz, em *O arco e a lira* (2012), que afirma que “A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de mudar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior [...]” (PAZ, 2012, p. 21). Pressotto escreve de maneira única, no Mato Grosso do Sul é, enfim, um poeta que merece ser lido e estudado, não somente pela forma agradável com que escreve seus textos, mas também pela grande qualidade estética que possuem, pois seus poemas reúnem as quatro grandes afirmativas de Otacvio Paz (2012), assim, sem medo de errar e plasmando Paz, afirmo que a poesia criada por Pressotto é “conhecimento, salvação, poder, abandono”.

Referências

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. Trad. Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1993.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PLÁ, Josefina. *Cuentos completos I*. Edición de Miguel Ángel Fernández. Asunción: ServiLibro, 2014.

PRESSOTO, Paulo Henrique. *Aleia Sangue*. 1ª ed. Dourados: Arrebol Coletivo, 2017.